

# A MEMORIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e impressão, Typographia SILVA CALDAS  
Rua da Rainha, 125

Responsavel  
Domingos José da Silva

GUIMARÃES, DOMINGO 11 DE NOVEMBRO DE 1900

## Alguma coisa util

tenho gasto o melhor da minha mocidade já em devaneios poeticos e illusorios por noites lindas, quer, e em grande parte felizmente, em analyses aturadas dos typos vulgares e sadios, ou enfermiços e exquesitos, ora em artigos jornalisticos de pouca monta, todavia tendentes a um fim apreciavel, para mim o creio.

E assim na confecção trabalhosa dum romance, «Margarida», em que tenho gasto os momentos de feriado e os poucos restos da minha vida, eu faço entrementes para vir na «Memoria» ventilar um assumpto, um dos mais difficeis na nossa jurisprudencia, assumpto triste e significativo ás vezes, noutras brutal e indesculpavel.

Ainda ha pouco tempo, num tribunal, foi julgada uma mulher por ter feito desaparecer uma creança, filha dum amor ephemero e nojento, sendo condemnada, na minha opinião injustamente, ou, talvez, apressadamente. Mas isso fica para outra occasião...

Um dos crimes mais abundante actualmente, é o estupro, attentado ao pudôr, quebra de virgindade, ou como lhe queiram chamar.

Se umas vezes o *crime* não é crime porque é amor, e amor que se não

reprime e amor que se não contem, amor que seduz a virgem a ser mulher em meio de prazeres ruidosos e beijos ciciantes, no mysterio da meia-noite, na sombra d'um pinhal, no ermo risonho e melancholico, e, por tal, a lei assemelha-se a uma calinada aspera de Nero bandoleiro; se outras o crime é crime porque ha a brutalidade do desejo, o arrastar da belleza, o irresistivel da sympathia (e a dentro deste ponto ainda ha para discussões que restam para artigo subsequente) e, neste caso a lei pune com justiça; em qualquer dos casos a victima não encontra allivio senão na severidade dum magistrado, e muitas vezes a fome, e muitas vezes a desgraça, e muitas vezes o delirio arrastam ao desespero—os filhos que se enforcam, os filhos que se enterram ou debaixo da cama, ou em meio dos campos verdejantes a despertar mocidade.

O codigo penal, a pag. 125, resa: «Art. 392.º—Aquelle que, por meio de seducção, estuprar mulher virgem, maior de doze e menor de dezoito annos, terá a pena de prisão maior cellullar de dois a oito annos, ou, em alternativa, a pena de degredo temporario».

Mas o que o codigo não faz é indultar a perdida, antes a pune se a miseria a arrasta.

Em meu entender, e já que se criam tantos e tantos azylos, haja mais um para a virgem offendida, para a mulher gravida e pobre, para que nelle, entre pessoas amigas, dê á luz o fructo do amor, de que a camara tome encargo.

Para ao depois alargarei a ideia,  
que ninguém, estou certo, secundará.

EDUARDO D'ALMEIDA JUNIOR

### PASSANDO....

Passei só para vê-la;  
estava recostada  
nas grades da sacada  
do quarto, que é só d'ella !

Formosa, como *Estella*,  
como ella delicada  
lambrou-me a branca fada  
d'alguma lenda bella.

Olhou quando eu passava  
mas eu louco, indeciso,  
mal vi que ella me olhava,

lançando-me um sorriso,  
que est'alma embriagava,  
que me era um paraíso !

ALFREDO CAMPOS.

## ESPIRITAS

(PAGINA DAS MINHAS «MEMORIAS»)

(Continuação)

Ora, depois que o homem se acalmou, enquanto o Solano passava a mão pela cabelleira castanha com um gesto instinctivo, e o Amadeu segurava as lunetas, o Pontífice principiou a annunciada explicação e disse-nos assim :

— «Meus irmãos, o Templo que o rei Salomão fez construir em sete annos sobre o monte Moriah, segundo consta do *Livro dos Reis* e d'esse outro livro que por ser de coisas esquecidas chamaram dos *Paralipomenos*, tinha em sua entrada duas columnas de admiravel artificio, que fundira Hirão de Tyro. Fortes como a crença, ellas representavam a solidez do Templo do Senhor, que não se arasaría sem que os peccados dos homens mercessem o vandalismo do imperador Tito. Magestosas e solennes significavam tambem dois d'esses quatro inabalaveis fundamentos da *Religião Espirita* que já então tinham vivido; uma symbolisava o mediador da Fé, Santo Abrahão, que, acendido em puro amor divino, não hesitára em erguer sobre Isac o cutello filicida; outra alludia a Moysés, o mediador da Lei que no monte Sinai, cercado de nuvens resplandcentes, fallára ante a face do Senhor. E se outras duas columnas se não tinham levantado, representando o mediador da Graça, Jesu de Nasareth e o mediador da Justiça, mais que todos mysterioso, a que deram o nome de *Aguia do Senhor e do seu Christo*, é porque em tão arredados tempos ainda elles não tinham vindo a este mundo de mentira e de desgraça. Eram duas então as columnas do portico do Templo de Salomão; quatro são hoje as da *Igreja Espirita*.

Fez o mesmo rei collocar no Templo uma grande bacia de bronze do diametro de dez covados, a que por seu tamanho chamaram um *mar*; e a pár d'esta mais dez de latão fino com quatro covados de comprido e outro tanto de largura. Significavam estas bacias as varias e numerosas religiões do mundo entre as quaes se distinguirá por sua vastidão a *Religião Espirita*; e eram bacias d'agua o symbolo das religiões, porque assim como a agua lava e purifica as manchas corporaes, assim a religião faz desaparecer as nodoas ignobeis do peccado.

Assentava esse *mar* ou concha maior que symbolisava a *Igreja Espirita* sobre doze bois de bronze, o que queria dizer a fortaleza inabalavel dos seus fundamentos; e porque dos doze bois, tres se voltavam para o Septentrião, tres para o meio dia, tres para o Oriente e tres para o Occidente, significavam tambem que a *Crença Espirita* lançaria raizes em todos os cantos do globo.

Entre o corpo do Templo e o *Sancta-Sanctorum* fez Salomão suspender um veo finissimo, mas impenetravel á curiosidade dos olhares. Este veo, assim lançado sobre a parte da Casa do Senhor que encerrava as coisas mais santas da religião, era a forma palpavel do Mysterio. (!) Queria elle significar que não era dado a olhares habituados ao brilho fallaz das coisas humanas penetrar os reconditos arcanos da Providencia divina. Por isso os impios se riem de nós! Por isso os reprobos contestam a Verdade e o Evangelho Eterno como o cego que por não ver a luz a negasse !

Mas affastado o veo (isto é purificada a alma pela firmeza da Crença, pela constancia da Fé) brilha lá dentro o candelabro d'oiro, a luz ardentissima da verdadeira Religião, que é aquella que aqui professamos.

Era ahí no *Sancta-Sanctorum* que se guardava a arca da alliança, a qual representava a essencia mesmo da religião. Para onde ella fosse ia a Gloria do Senhor, e ai d'aquelles que, á semelhança dos philisteus, ousassem conquistal-a, porque uma peste horrivel os feria logo! Ai tambem d'aquelles que pretendem apossar-se da *Verdade Espirita* porque os seus dias estão contados, como os de Balthazar.

Dentro da Arca se guardavam as tabuas da lei que Deus dera a Moysés, porque era esse o mais sagrado e o mais inviolavel de todos os lugares e assim tambem em nosso coração, o mais sagrado lugar do corpo (!) devemos guardar a verdadeira lei e os verdadeiros preceitos !

Todo este magnifico edificio do Templo era circundado por varios pateos magestosos, uns onde todo o homem era admittido, outros onde só entravam os filhos de Israel. Eram estes pateos como os ceos que existem, aos mais sublimes dos quaes só podem ascender os filhos da *Igreja Espirita*, que commungam n'um levantado e justo ideal....

(Continúa)

HOMO.

## A morte de Abel

(Quadros bíblicos)

EXCERPTO D'UM SERMÃO

O primeiro homem sabia que fôra condemnado a morrer; mas não conhecia o que era a morte, não calculava a sua fealdade, nem imaginava as suas consequências: d'aqui pode calcular-se a funda impressão que lhe causou essa tremenda realidade.

A primeira morte que houve no mundo foi a de Abel, consequencia do assassinio perpetrado por seu irmão Cahin. Recebeu n'esse momento a terra os primeiros globolos do sangue humano, percursos de tantas regoieiras com que as dissenções, luctas e guerras a tinham de manchar no futuro! O pesadello dos remorços fez o seu detestavel consorcio com a hediondez do crime para vivêrem unidos pelos seculos alem!

Estendido o cadaver no chão, algido, tabido e hirto, o fraticida fugiu, os paes aproximaram-se—Adão estremeia horrorisado, Eva chorava afflictissima! Apalparam-o, e não latejava o peito; abriram-lhe os olhos, e já não tinham brilho; affastaram-lhe os labios, e estavam gelados; gritaram, e elle não ouvia; erguêram-o e aprumaram-o, mas o rigido corpo tombava por terra. Que é isto?... onde está o alento, o vigôr, a actividade, a vida?!... Tudo desapareceu, como as folhas do arvorêdo arrancadas pelo vento em plena estação hibernal!... Só uma toada funebre respondia aos gritos d'um pae desolado e d'uma dedicada mãe!...

Quadro terrorifico, scena abominavel: o apparecimento da morte e do primeiro crime que maculou a humanidade! As larvas cobrindo o cadaver, os remorços esmagando a consciencia; o luto sombreando uma familia, a nota infamante d'um assassinio manchando as paginas da hisforia!

Porto—1900.

PADRE F. J. PATRICIO.

### CIUMES . . .

Um dia n'um jardim ao ver passar-te,  
Toda alegre, gentil, encantadora,  
Reparei que a flôr mais seductora  
Para ti se curvou a venerar-te.

E as outras, ciosas d'adorar-te,  
De t'amar para sempre, a toda a hora,  
A medo balbuciam-te: Senhora!...  
... Um dia n'um jardim ao ver passar-te.

Foi então, que me viste, ó minha amada,  
Para mim te sorriste com doçura.

A rosa já sem côr e desmaiada,

De ciumes tombou sobre a verdura!  
Morrera como um sonho, toda encantada  
De ter no teu sorrir tanta ventura!

Guimarães, 7 de Novembro de 1900.

SILVIO.

## A MINHA VISINHA

(RECORDAÇÃO)

O pallôr do seu rosto accentuadamente esculptural, a doçura estonteante do seu olhar mysterioso e a melliflua voz sua encantadora; o seu porte grave até parecer o de uma *sancta* e um sorriso d'anjo a brincar-lhe sempre nos labios acarminados—como uma esperanza azul a desenhar-se no ceu da nossa mocidade;—foram hontem um enlevo meu gratissimo, são hoje uma saudade martyrisante, que me não deixa nem um momento.

Como se fôra já hoje um octogenario, não vivo senão do passado, que o presente rio-me d'elle como de coisa futil e desprezível.

Quando a minha visinha era viva—coitada, magoa-me recordal-o!—a existencia era para mim um bem, que eu quizera nunca acabasse; agora, que a vejo retratar-se na minha mente, só nella, como um sonho formosissimo, que depressa nos abandona, sinto que não pode viver quem anda captivo d'uma melancolia interminavel.

Nunca lhe fallei; tive com ella essa reserva criminosa. Vi-a—quanta vez!—; ouvi-a; estudei-a profundamente, porque a amava. Caprichos inoffensivos, mas dolorosos. E' que o coração nem ao amor se rende todo.

\*

Passei agora á porta da casa onde ella viveu até aos dezoito annos. Curta existencia!

Recordei-me de que, alguns dias antes de fallecer, a vi, já a deshoras, pendurada d'uma janella, tossicando, em animado colloquio com um rapaz digno do amor, que eu sabia lhe era consagrado por ella.

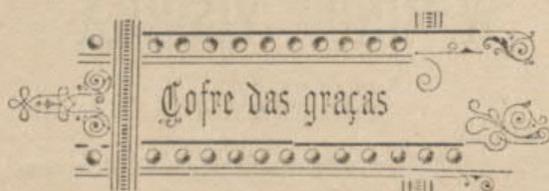
Despediam-se. Elle partia para o Brazil; ia trabalhar; queria ser rico. Ella ficava... não podia acompanhal-o, porque o Destino fatal, gargalhando convulsivamente, terrivelmente, a prendia aqui.

Decorridos poucos dias, disseram-me que ella tinha fallecido.

Fui vê-la, então. Fallei-lhe... confessando-lhe o meu amor. Não me respondeu... Vingou-se de mim... Estudei-a profundamente por-que a amava...; porém, fiquei sabendo, que estudar um morto querido é o mesmo que enterrar no coração uma lamina, que jámais poderemos arrancar de lá.

5—XI—900.

EVARISTO DA CONCEIÇÃO.



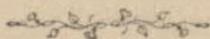
Fazem annos as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> :

Dia 12—D. Antonia Augusta Leite.

Dia 15—D. Maria de Jesus Pereira.

E o ex.<sup>mo</sup> sr. :

Hoje 11—Emiliano Abreu.



### Notas intimas

Ainda está entre nós o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo Primaz, D. Manuel Baptista da Cunha, que tem visitado quasi todos os templos d'esta cidade e alguns suburbanos, tendo, segundo elle proprio confessa, recebido grandes provas da mais elevada deferencia, mormente no jantar que lhe foi offerecido pelos ex.<sup>mos</sup> condes de Margaride, effectuado na quarta-feira ultima no seu palacete.

S. Ex.<sup>a</sup>, segundo nos consta, tenciona demorar-se n'esta cidade até 14 do corrente e até 8 de dezembro proximo na restante parte da sua archidiocese.

Por abso'luta falta de espaço não alongamos mais esta noticia com uma descripção circumstanciada; alem d'isso, estamos certos de que os nossos presados leitores estão já bem ao facto das manifestações feitas ao venerando Prelado.

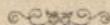
Na tarde do passado domingo, na estrada que ha entre Lustosa e Vizella, cahiu d'um vehiculo o snr. João de Souza Dias, muito digno primeiro amanuense da Camara d'esta cidade, tendo, alem d'outros ferimentos e contusões, fracturado o dedo polegar do pé direito.

Lamentamos sinceramente esse fatal acontecimento e fazemos votos pelo prompto restabelecimento de tão estimavel cavalheiro.

Na quarta-feira esteve n'esta cidade retirando-se no dia immediato, o snr. Manoel Victorino da Silva Guimarães, que ha tempos se encontra a uso de banhos, com sua ex.<sup>ma</sup> familia, na praia de Mattosinhos.

Já se encontra em via de restabelecimento, com o que folgamos, o snr. Francisco Costa, muito digno regente da banda regimental.

### PERDIDA



Nas castas illusões dos meus sonhos de infancia  
Prendi-me, sem querer, á luz do teu olhar;  
E vim andando sempre a beber a fragancia  
Da tua alma—a flôr que ia a desabrochar.

Não via mais ninguem ao longe nem ao perto.  
Tu eras para mim a eterna companheira.  
Abrigavas-me assim como em vasto deserto  
Ao viajante abriga a sombra da palmeira.

Mas um dia não sei onde ficaste e eu  
Lá fui andando sempre e encontrei-me sosinho.  
E, sem me querer lembrar como isso aconteceu,  
Assentei-me a chorar á beira do caminho.

Fiquei a olhar, a olhar... e procuro, indeciso,  
Dar á alma outra luz sem ser a dos teus olhos;  
Mas para eu a encontrar agora é-me preciso  
Encher o coração de espinhos e de abrolhos...

S. Lourenço de Sande.

SILVA GONÇALVES.

### Páginas para uma chronica

Coimbra, —27—outubro.

Como hoje fosse vespera de feriado, eu descei á baixa, a pensar numa passagem do sr. Theophilo Braga, a pag 161 e seguintes da sua importante obra «*A patria portugueza*», achando-lhe, talvez pela primeira e unica vez, graça e razão, a ruminar em pensamentos confusos e exquisitos, tomando caminho para o Choupal—um bello lugar de meditações saudosas e lugubres.

«Tanto os escriptores estrangeiros como os nacionaes distinguem os portuguezes pelo seu character amoroso». E mais alem: «o suicidio é uma doença contagiosa em Portugal, e nas camadas populares e na mocidade dá-se exclusivamente por amor...»

Apanha um feixe de citações :

Diz Cervantes «é quasi costume dos portuguezes morrerem de amor»; diz Lope de Vega «Eu, senhora, tenho olhos de creança, e alma de portuguez»; Balzac «personificava a paixão desvairada no typo ideal do portuguez Ajuda-Pinto», e muitas mais, num chaveiro lyrico de madrugada de maio...

Comprehendia a causa do opulento ganho da excelsa «Companhia dos Phosphoros», no diluir de enxofre em alcool para morrer d'amores portuguezmente; comprehendia, a custo confesso, a origem de tantos suicidios que os jornaes relatam, numa ancia espiolhadora de ganhar dez reis; ia-se-me, altim, desanuveando a mente começando de perceber porque Portugal é um paleo de paixões arraigadas e mortaes, um bosque lendario de mythologicas aventuras romanescas, enquanto é, ao mesmo tempo, a patria dos pelintras, que, não tendo

um pataco para a carne, outro pataco para as decimas, um pataco mais para a renda e mais um pataco para a sellaria, não vingam erguer voz protestando claro, embora choraminguem e gesticulem na tasca do tio Bento ou da *ti Antonia*. E demais—ou o portuguez deve de pensar na namorada loira e branca, uma violeta de modestia, cecem de candura (?), ramilhete de encantos, de graças, de meiguuras, ou nas patifarias politicas e regedorescas, na ganancia dos marchantes, na ruina da patria em liquidação, fallida, zombada nas esquinas de Paris, em lettra gorua e vermelha, nuns dizeres apulhados de credor mostrando a conta.

Pois, ternas donzellas, illusões queridas, esperanças azulescentes, pesa sobre vós a maior responsabilidade—sois a perdição da patria, porque gastaes os portuguezes.

Isto na opinião do sr. Theophilo Braga, de D. Francisco Manoel de Mello, de Balzac, de Vicente Espinero, de Madame Sevigné, que não na minha.

\* \* \*

E' alta, trigueira, face oval, olhos e cabellos castanhos, dum castanho puramente nacional, seios muito salientes, cheia, vulgar—mulher d'alem—Mondego, a voz forte, indifferente apparentemente, conquistada, ardente e falladeira.

Conquistei-a, na ponte, nalgumas tardes que, por ali, ia passear, e porfiando, embora ella fosse de genio desconfiado e altivo, render-se aos meus galanteios simples, de estudante enamorado.

Appareceu-me no Choupal, enquanto eu pensava na influencia gigantesca da mulher na sociedade portugueza.

E... é alta, trigueira, a voz crystallina mas grossa, ardente, muito ardente e falladeira. Tinha capricho nos seus seios salientes, no corpo cheio e limpo, pouco batido ainda...

Um quarto de lua dava no arvoredado denso, um comboyo silvava, passando, e, pelo ar, perdia-se um ciciar de beijos, fallinhas abafadas, por noite fóra.

E' alta, trigueira, do povo, caprichosa...

\* \* \*

Mettido na cama, uma cama estreita de ferro, fumando um cigarro de tabaco Burley, prestes a adormecer, consolado na quentura dos cobertores, cogitava se, n'aquelle mesmo instante, a patria portugueza carecesse do meu braço, da minha ajuda, em combate renhido, em lueta aberta, eu largaria o leito e correria em soccorro de Portugal, brandindo uma espada, ou brandindo uma saquinha de libras.

Por certo voltar-me-hia para o outro lado e dormiria em somno desprendido, a sonhar com a alta, trigueira...

EDUARDO D'ALMEIDA JUNIOR.

## Primavera e inverno

(A' P. B...)

No dia em que a ridente primavera  
Assoma no seu berço rendilhado,  
Um anno passa mais por sobre a esphera  
Que fulge no teu céu illuminado...

A luz doce e febril que n'ella impera  
E' a mesma que te cinge o olhar doirado...  
Gemea do sol que envolve a primavera,  
Possues o seu brilho immaculado...

Mas quando a tua irmã sem luz expira  
Entre os lyrios pendidos que aquecera,  
E' quando brilhas mais, doce Palmira...

Jamais te finarás, porque o Eterno  
Formou-te para ser's a primavera  
Que aquece da minh'alma o frio inverno...

Guimarães, XXIX—X—900.

J. T. S.

## Chronica da Capital

LISBOA, 8—11—900.

Por motivos alheios á nossa vontade fomos forçados a interromper as nossas cavaqueiras semanaes, com o que nada perderam os leitores da «Memoria».

Tendo cessado a causa de tal interrupção—uma pequena ophtalmia, agravada com uma viajata que fizemos ao Porto, por occasião da ida ali das Magestades—cá estamos novamente cumprindo a tarefa que nos impozemos.

Temos lido as chronicas vimaranenses insertas n'este hebdomadario e vemos que invariavelmente o seu auctor se queixa de falta de assumpto para a feitura das mesmas.

O collega estabelece connosco um verdadeiro contraste.

Ao contrario do que lhe succede, nós lutamos com uma crise de abundancia tal que não sabemos por onde começar. E, todavia, vimo-nos seriamente embaraçados, tanto ou mais do que o collega que não tem assumpto. Parece na verdade um paradoxo, mas não é, eu me explico:

Toda a gente sabe (toda a gente virgula, é como quem diz toda a gente que lê chronicas) que o cavallo de batalha de uma chronica é, por assim dizer, a politica.

Este manancial verdadeiramente inexgotavel, onde podiamos colher deliciosissimos fructos para servir ao amavel leitor, é-nos defezo, dada a indole do semanario.

Segue-se um segundo prato a servir que, bem condimentado, tambem não é mausinho—o noticiario—mas, como prato repetido a poucos estomagos póde agradar, se é que agrada a algum, e, não podendo nós dar noticias em primeira mão, visto que escrevemos na quarta-feira para ser publicado no domingo,

segue-se que devemos pôr também de parte o noticiário.

Ha ainda um outro assumpto que fornece ao chronista elementos de primeira ordem para a taramela: os theatros; mas, francamente, que interesse poderá despertar ao vimaranense em regra o que se passa nos theatros de Lisboa?

Afastado, pois, d'estas bases, tudo o mais que possamos escrever será tudo menos uma chronica.

Em vista do que occorre-nos perguntar: qual dos dois chronistas o mais embaraçado, o vimaranense luctando com falta de assumpto, ou o lisbonense com abundancia do dito?

Como porem, só não ha remedio para a morte e a sabedoria das nações inculca para grandes males grandes remedios e nós não queremos, Deus nos livre de tal, brincar com estas coisas serias, estabelecendo excepções que haviam de fatalmente ser tachadas de salientes, ridiculas, pedantescas... vou prometter o seguinte para o futuro:

Em politica não metto bico, já se sabe, a não ser em casos verdadeiramente excepçio-naes, como, por exemplo, quando um ministro da envergadura do Anselmo de Anáide desça das culminancias do poder á *Terra*, sim, cá até á *ralé* e nos prometta, ou seja pela approximação do Carneiro com batatas, ou seja por coherencia com a *Terra*, alliviar-nos do Real d'Agua, da Contribuição de renda de casas, do imposto de rendimento... Como fallamos em imposto de rendimento é natural que alguém por ali nos supponha um capitalista.

E com razão, porque, se bem nos lembramos de quando estudamos economia politica, não pode haver rendimento sem haver capital.

Mas não, o caso é outro. E' que, cremos que nem todos os nossos estadistas estudaram economia politica e vae um d'elles, não nos queremos lembrar do nome e chama ao salario que auferê um triste empregado publico capital e pespegu-lhe com o imposto de rendimento e vae ao capital propriamente dito chama-lhe salario e tira-lhe o imposto de rendimento. Uma simples troca de nomes.

E aqui tem porque o *Terra*, quer dizer, o actual ministro da fazenda, quer acabar com esta pouca vergonha, chamando ás coisas pelos seus verdadeiros nomes.

Ha, porem, muito quem diga que elle não faz nada e que vae para a *Terra*. Achamos muito natural porque de Lá é que elle saiu. A *Ella* deve ser ministro.

Quanto a noticias também só por excepção daremos uma ou outra que pelo seu elevado merecimento seja digna de ficar registada nas columnas da «Memoria». Tinhamos para hoje uma d'esta cathogoria, mas como já enchemos muito espaço eliminamol-a.

A respeito de theatros seguiremos identica

orientação: quando o D. Maria—o normal, o typo—nos der coisa mais digna d'elle do que o *Papa Flores* ora em scena, ou o D. Amelia onde fulguram os nossos primeiros talentos na arte dramatica, acabar com os *Maridos de Leontina*, procuraremos pôr os leitores da «Memoria» ao facto do que se passa nos dois primeiros theatros do paiz no genero de declamação.

JAYME DE LACERDA.

## VARIÉDADES

### o Grillo-Azul

(Continuação)

- Oh Chico!  
—Oh Frederico!...  
—Por cá hoje?!  
—E' verdade...  
—Vie-te só...?  
—E sem *ch'ta*...  
mas... tomo a liberdade...  
—*Atchin*...  
—*Domus tico*.  
—*atchin atchin*...  
—Caramba!  
Tu estás constipado...  
—Não é mal que me *lamba*.  
Venham de lá esses braços!...  
Então que milagre é este?!  
Mas... só...  
—E' que a minha poldra...  
—Basta... agora comprehendeste.  
—O quê?... Se te não entendo!  
—Nem sequer me dares parte  
do teu *arrecebimento*...!  
—Dar... eu... que havia de dar-te?...  
Se ainda não recebi  
certa *masa*... E a proposito...  
—*Atchin*...  
Como tens á *ordem*—  
sabes?...—aquelle deposito...

(Continúa)

J. SAID.

### JARDIM PUBLICO

A banda regimental executará hoje, se o tempo o permittir, da 1 ás 3 horas da tarde o programma seguinte:

1.<sup>a</sup> parte

Hymno Nacional.  
Os Mineiros—Polka.  
Musica Classica—Zarzuella—*Chafy*.  
Dedicação—Walsa—*Gonçalves*.

2.<sup>a</sup> parte

Andaluzia—Walsa.  
Cavallaria Rusticana—*Mascagni*.  
Badinagem—Polka—*B. da Costa*.

*Novos colaboradores*

Aos presados assignantes d' *A Memoria* temos o prazer de annunciar a promessa, para breve, da collaboração preciosa dos snrs. d's. João Penha, Cruz Teixeira e Pereira Caldas, tres nomes que se impõem ao respeito e admiração dos nossos mais distintos poetas e prosadores.

Com tempo, temos esperança em que esta publicação hade enriquecer-se, como é mister, para honra da cidade de Guimarães, onde a cultura das bellas lettras vae attingindo um desenvolvimento notavel.

*Chronica vimaranense*

**N**uita chuva, saraiva e sibilante vento foi o principio da semana! E quando assim principia uma semana, devem escassear, ao fim, os apontamentos para uma chronica. Apenas a lua, o sol dos namorados, vinha, mal apparecia a noite, espalhar formosos raios, sobre os mysteriosos que ousavam, destimidamente, fitar-lhe o seu alvor!...

E eu, pobre chronista, forçado a procurar o assumpto, o negro do assumpto, esse pezo inqualificavel, que faz vergar a cerviz ao mais ousado, n'esta terra pacata e da... *thesoura!* e era fatal a obrigação, e como tal o dever obrigava-me a procural-o. Procurei-o no socego do meu espirito, e vi-me arrastado até aos campos do ideal; aqui, como um redemoinhar infrene, appareceram-me as bellas phantasias, cheias de encantadora graça e sorrisos de enlevo... Eram tentadoras... lá isso eram! mas nesse horrivel e bello labyrintho, onde tudo é vaporoso e imaginario, já não posso procurar esse *assumpto* querido, sem que tenha de descer aos páramos da realidade.

Ah! como eu conceberia uma chronica se ainda podesse subir... subir... subir até ao cume encantador das illusões terrestres!

Na quinta-feira a chuva mudou de rumo, as bategas que alternativamente vinham humedecer as nossas ruas voltaram na sexta-feira e tornando a retirar, deixaram-nos em perspectiva de breves noites frias e manhãs de gelo.

E com franqueza, a chuva é de primeira necessidade em Guimarães; não quero com isto dizer que seja continuada até ao aborrecimento, isso não; mas um ou dois dias na semana, tornava-se util e hygienica.

Isto para nos bazearmos no apborismo —Ha males que trazem bens!—E como a chuva é uma perfeita vassoura para os

orvalhos masculinos que regam abundantemente as principaes ruas da cidade, entendemos por este principio ser um bem, emquanto nos não dotarem com melhoramentos que nos livrem d'essas humidades que vão lavrando... uma sentença de pouco aceio.

\* \* \*

A nossa Academia prepara-se para a sua festa predilecta —O S. Nicolau.

Hoje, mais do que em outras epochas, estimam-se e apreciam-se as cousas antigas, por isso não deixaremos de applaudir os novos continuadores de tão sympathicos festejos.

Tudo tem a sua epocha. Os velhos, depois de terem praticado as mais estouvadas rapaziadas, reprovam essa festa tradicional; os novos, esquentados ainda pelo sangue da mocidade, não querem perder esses dias cheios de muitas e muitas recordações:

«Que as pelles rufem bem, berrem com bizarría,  
Retumbando no espaço um echo d'alegria.»

ARMANDO D'OLIVEIRA.

## HORAS VAGAS

## Logogripho

(RETRIBUIÇÃO AO JUVENAL)

Se é má, e pouca, que pena!  
E' nodosa que jámais sae,  
Sem ter azas vai correndo  
Voa, voa, e longe vae.—5, 4, 7, 4.

Felises cantae folgae,  
Que á vossa casa não entro.  
Sou a filha da desgraça,  
Nasci d'um ai, d'um lamento!

Volvei almas caridosas  
P'ra mim o vosso olhar,  
Fazei-me desappar'cer  
Tereis o ceu: um altar!—7, 6, 1, 2, 3, 6, 4.

Que pura, que sublime  
Tua essencia divinal!  
Só no ceu tu tens morada.  
Sê meu guia, meu final!

BERNARDINA DA R. F.

*Decifrações do numero 8*

Pergunta enygmatica—BRANDÃO.  
Descobriram-na—*Balthazar, Cunha e Marcello.*

Logogripho—LAGRIMA, decifram-no  
a snr.<sup>o</sup> *D. Bernardina R. F. e João Bravo.*

Charada enygmatica—LIVIDEZ.  
Entregou-se o premio ao seu primeiro  
decifrador, o snr. João Bravo.

**Antonio d'Araujo  
Salgado & C.<sup>a</sup>**

Variado sortido de modas e confecções para a estação de Inverno e grande saldo de artigos proprios da occasião.

CAMPO DO TOURAL, 1, 2 e 3.

**Guimarães**

**OBRA LITTERARIA**

**Um passeio a Vizella e Guimarães**

É o titulo d'um opusculo de que é autor o reverendo José Victorino Pinto de Carvalho, reitor de Mancellos.

Vende-se em Guimarães em casa dos snrs.:

Francisco Joaquim de Freitas; José Joaquim da Silva Guimarães; Manoel Joaquim d'Oliveira Basto.

**CURSO PARTICULAR  
PARA AMBOS OS SEXOS**

Este estabelecimento de ensino primario obteve, na presente epocha de exames d'instrucção primaria, o seguinte resultado:

Maria Magdalena Moura de Noronha Araujo, distincta.

Maria da Conceição Pereira da Motta, distincta.

Anna Candida Pinto, 14 valores—approvada.

Antonio Jeronymo Lopes da Cunha, 14 valores—approvado.

Os professores d'este estabelecimento recebem em sua casa alumnos internos e externos, não se poupando a sacrificios para que elles obtenham, no menor espaço de tempo, o maior aproveitamento possivel, como provam pelas classificações obtidas e acima mencionadas.

As aulas são completamente separadas para os dois sexos, e continuam permanentes.

**LARGO DA OLIVEIRA**

(CASA VENANCIO)

Os professores,

*Narciza Rodrigues Leite.*

*José Leite Mendes.*

**TYPOGRAPHIA**

DE

**ALBANO PIRES DE SOUZA**

**ANTIGA SILVA CALDAS**

120—Rua da Rainha—122—Guimarães

Impressão de bilhetes de visita desde 120 reis o cento; circulares, facturas, mapas, memoranduns, acções, cheques, envelopes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

Trabalhos typographicos em todos os generos, desde o mais pequeno ao maior formato.

Preços de todas as obras sem competencia.

Carimbos de borracha, metal e madeira.